



Escola de Ciências Sociais e Humanas

*A Europa é o Cacém. Mobilidades, gênero e sexualidade  
nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal*

Paula Christofolletti Togni

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de  
Doutora em Antropologia

Orientadora:

Prof. Doutora Maria Antónia Pedroso de Lima  
Professora Auxiliar, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientadora:

Prof. Doutora Adriana Gracia Piscitelli  
Pesquisadora, UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas

Maio, 2014



*A Europa é o Cacém. Mobilidades, gênero e sexualidade  
nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal*

**Paula Christofolletti Togni**

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de  
Doutora em Antropologia

Júri:

José Mapril, Professor Auxiliar Convidado FCSH-UNL

Elizabeth Challinor, Investigador Sénior, CRIA-UMinho

Manuela Ivone Paredes Pereira da Cunha,

Professor Auxiliar com Agregação, UMinho

Miguel de Matos Castanheira do Vale de Almeida,

Professor Associado com Agregação, ISCTE-IUL

Maria Antónia Pereira de Resende Pedroso de Lima (Orientadora)

Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Adriana Gracia Piscitelli, (Coorientadora)

Pesquisadora, Universidade Estadual de Campinas

Maio, 2014



Investigação apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia FCT, por fundos nacionais do Ministério da Ciência, da Tecnologia e Ensino Superior, através da Bolsa de Doutoramento SFRH / BD / 61140 / 2009, e do projecto “O cuidado como factor de sustentabilidade em situações de crise.” FCT PTDC/CS-ANT/117259/2010, IR Antónia Pedroso de Lima.

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



## RESUMO

**Palavras-chave:** mobilidades, diferença, juventude, gênero e sexualidade,

A tese *A Europa é o Cacém!* reconstrói a partir de uma etnografia multisituada os trajetos e trajetórias entre Brasil e Portugal(2010-2013) de 26 sujeitos que partilham o fato de pertencerem a uma mesma faixa-etária (18 a 25 anos), a classes econômicas baixas do Brasil, se auto identificarem como *morenos* ou *pretos* e serem oriundos de uma mesma localidade, a cidade de Mantena – Minas Gerais, bem como, viverem em um mesmo bairro: o Cacém, região metropolitana de Lisboa.

Em suas trajetórias e trajetos estão presentes diferentes formas de mobilidade: espaciais, físicas, sociais, econômicas e imaginativas. Ao se deslocarem entre fronteiras internacionais, deslocam também ideias, relações e suas próprias subjetividades. Aliás, as fronteiras se configuram como um espaço nebuloso que permite refletir sobre determinados pares de oposições: família-indivíduo, jovem-adulto, centro-periferia, liberdade-responsabilidade.

Os contextos em que estão inseridos - que ultrapassam as noções de Estado-Nação- e as interações possibilitadas por eles tecem novas hierarquias e relações de poder criando novas localizações sociais (Pessar e Malher, 2001). A articulação entre diversas marcas de diferença como idade, nacionalidade, gênero, sexualidade, ”raça” e etnicidadetem mediado suas relações e interações cotidianas em Mantena e no Cacém.

A partir de uma aproximação teórica entre os estudos urbanos, abordagens sobre o transnacionalismo e o modelo teórico metodológico das interseccionalidades, utilizo como principais categorias de análise as noções sobre: mobilidade, diferença e fronteira para refletir sobre as mobilidades e deslocamentos contemporâneos entre Brasil e Portugal e as experiências e subjetividades desses sujeitos.



## **ABSTRACT**

**Key-words:** mobilities, difference(s), youth, gender, sexuality

The work "A Europa é o Cacém!"/"Europe is Cacém!" is based on a multiplaced/multiple location ethnography, between Portugal and Brasil (2010-2013), which reconstructs the paths and directions of 26 individuals/subjects that belong to the same age group, the same low-income Brazilian background, the fact that they identify themselves as *morenos* or *pretos*. And they also come from the same place, the city of Mantena (Minas Gerais), and are living in the same neighbourhood: Cacém (Lisbon Metropolitan Area).

Their paths and directions are marked with different kinds of mobility: space, physique, society, economy and imagination. By crossing international frontiers/borders, they are also crossing ideas, relationships and their own subjectivities. Those borders become a hazy space which allows the reflection on several disparities: family-individual, young-grown-up, center-periphery, freedom-responsibility.

Surpassing the notions of nation-states, the contexts of their surroundings and the interactions which it allows, provide new hierarchies and power relations while creating new social locations (Pessar e Malher, 2001). Their relationships and everyday interactions have been mediated/facilitated with/by the articulation of several characteristics as age, nationality, gender, sexuality, race and ethnicity.

From a theoretical approximation between urban studies, transnationalism and the intersectionalities methodological model, these are the main analysis notions I apply: mobility, difference and frontier/border, based on the contemporary mobilities and travelling between Brasil and Portugal, focusing on the experiences and subjectivities of this group.



*...A Maicon (in memoriam)*

Ao mais desafiador, ao que demandou mais tempo para conquistar a sua confiança, ao menino que todos tinham *medo*. Ao menino que fez com que eu experimentasse o sentir da perda e da morte no fim. A morte e a saudade permeiam essa etnografia. Ao começar a pesquisa, perdi meu pai de *morte morrida* no dia do meu aniversário em março de 2009. Um infarto agudo no miocárdio. Não deu tempo de chegar ao Brasil. Em junho de 2012, Maicon morreu afogado, próximo a Mantena, após viver 8 anos em Portugal e ter regressado pela primeira vez. Não deu tempo também. E não foi *morte matada*, sempre anunciada para ele. Foi *morte morrida*!



## AGRADECIMENTOS

*Nos emigrantes há “qualquer coisa de estilhaçado que grita pela unidade, e que não pode, por mais que queira, encontrar a paz dum só lar, dum só gosto, duma só enxada”.*

*“Gemer por Portugal no Brasil, e pelo Brasil em Portugal. Ougar num por alheiras, e no outro por feijão preto. Trazer o corpo e o espírito neste vaivém de grávida com desejos”.*

**Miguel Torga**

Elejo começar os agradecimentos a partir desses trechos de Miguel Torga: poeta português, que viveu entre Portugal e Brasil. “Seu Portugal”, era uma pequena aldeia, Sabrosa, em Trás-os-Montes e a cidade de Coimbra. “Seu Brasil”, Minas Gerais e a cidade de Leopoldina. Esse pequeno trecho de Torga retrata um pouco a forma como essa tese foi pensada, feita e escrita: em movimento. Entre lá e cá, ou, como defendo no texto, em um entrelaçamento de relações e comunicações.

Agradecer, se configura como algo difícil. Foram muitas pessoas importantes nessa trajetória. Começo pelos sujeitos que participaram dessa etnografia. Uma relação construída por diferença, respeito, intensas trocas, confiança, risadas, choros, medo e saudade. Preciso dizer que aprendi muito com vocês! E que mais do que a tese em si, os levarei comigo ao longo de toda minha trajetória. Obrigada por confiarem seus segredos, partilharem suas intimidades, casas, comida e afetos. Um obrigado especial às famílias Camargo e Silva que me acolheram em suas casas em Cachoeirinha de Itaúna e Mantena.

Agradeço a minha orientadora Antónia Pedroso de Lima, a Antonita! Obrigada por acreditar desde sempre nesse projeto! Lembro-me que no café Fábulas, prestes a viajar para o Brasil para a realização do primeiro trabalho de campo, perguntei-lhe se poderia ir à cidade de Mantena primeiro: você respondeu que sim. E depois me disse: “se achar que vale a pena ficar por lá, fique”! Fiquei! E realizar essa etnografia multisituada só foi possível pela sua dedicação e esforço: construir um projeto para a bolsa de mobilidade de doutorandos da Fundação Calouste Gulbenkian, associar a pesquisa ao projeto do “Cuidado” e confiar nas minhas ausências prolongadas em meio a demasiados conflitos internos. Você estava ali! Por Skype, por emails, na “Bat Caverna”, no CRIA.

Do outro lado do Atlântico, a partir de redes tecidas em Portugal, surge Adriana Piscitelli como minha co-orientadora. O fato dela aceitar me orientar já era o máximo. Ter as duas, um luxo! Entre o CRIA- Centro em Rede de Investigação em Antropologia e o PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero, entre o ISCTE e a UNICAMP! Dri, você foi uma linda surpresa. Pela sua gentileza e rigor, sua dedicação e generosidade nas partilhas. E o nosso grupo de estudo! Tantas leituras e trocas fundamentais nesse longo caminho. Quando utilizo o pronome “nosso” é porque quero lhe dizer como me senti: fazendo parte. Estar com você, era estar em casa, como em Lisboa! Vocês são uma dupla e tanto!

Ainda na Unicamp e em Campinas, agradeço a minha querida Iara Beleli. Nossa relação ultrapassou em muito as trocas acadêmicas. Você me recebeu em sua casa, como sua filha durante todo o meu período de estadia em Campinas! Agradeço também a D. Ina e ao Rafael Salazar por participarem dessa “adoção” e permitirem que eu me sentisse em casa.

Um especial agradecimento ao grupo de estudos do PAGU, coordenado pela Adriana Piscitelli: pela generosidade na leitura de meus textos e por proporcionarem discussões fantásticas que reconduziram várias análises da minha tese: Natália Corazza Padovani, Iara Beleli, José Miguel Olivar Neto, Laura Lowenkron, Patrícia Carvalho, Bruna Bumachar, como também, os funcionários do PAGU, Luciana Camargo Bueno, Karina Gama Cubas da Silva e Jadson da Silva Freitas.

Em Portugal, institucionalmente, começo por agradecer o CRIA- Centro em Rede de Investigação em Antropologia, e em especial, a amada e incomparável Manuela Raminhos, Catarina Mira e Mafalda Melo. Agradeço também Isabel Cardana (Isabelita) que já não está conosco no CRIA. Agradeço o Departamento de Antropologia do ISCTE-IUL, sobretudo o funcionário e amigo Fernando Gil Ferreira pelo seu cuidado com os alunos, eficiência e a gentileza de sempre. Agradeço a FCT por me conceder a bolsa de doutoramento que permitiu tornar a pesquisa executável, como também à Fundação Calouste Gulbenkian, que ao me conceder uma bolsa de mobilidade acadêmica, permitiu que eu permanecesse em Campinas, fundamentalmente no PAGU, como também, estender a realização dos trabalhos de campo em Mantena e Governador Valadares. Em Valadares, não poderia me esquecer do NEDER- Núcleo de Desenvolvimento Regional da UNIVALE- Universidade do Vale do Rio Doce, e de seus pesquisadores e bolsistas. Agradeço a Sueli Siqueira por me receber, pelo convite para ministrar a aula inaugural do Mestrado em Gestão do Território e pelas proveitosas trocas acadêmicas! Estendo o agradecimento aos pesquisadores do Neder- Cristina Sales Caetano e Mauro Augusto Santos. Agradeço também a antropóloga Gláucia de Oliveira Assis por me acompanhar por um dia no Cacém e, é claro, pelas sugestões e partilhas acadêmicas (para além da ida ao *faca show*).

Um agradecimento especial ao antropólogo José Mapril que acompanhou durante esses cinco anos o processo da pesquisa. Suas contribuições, críticas e sugestões foram fundamentais para a realização dessa tese.

Ao Paulo Raposo, meu eterno orientador, agradeço pelo incentivo e por ter me ajudado a ter “coragem” de fazer um doutoramento logo após o mestrado.

Agradeço a todos os pesquisadores e coordenadores do projeto "O cuidado como fator de sustentabilidade em situações de crise", financiado pela Fundação de Ciência e Tecnologia, PTDC/CS-ANT/117259/2010 pelos proveitosos debates e discussões ao longo destes anos, especialmente a: Antonia Lima, Miguel Vale de Almeida, José Mapril, Elisabeth Chalinnor e Cristina Santinho.

Aos amigos companheiros da “Bat Caverna”, nome carinhoso dado à sala de trabalho dos doutorandos do CRIA: Margarida Moz, Jander Nogueira, Lira Turrer Dolabela, Filipa Alvim, Cristina Santinho, Pedro Manuel Pombo.

Ainda em Portugal, agradeço o grupo de amigos BARZUCA, e, em especial, minha amiga e companheira de casa e aventuras: Monique Montenegro (xuxu), pelo cotidiano da escrita que envolveu tensões, risadas e choros (*tamo junto*) e a amiga fiel Debora Baldelli. Agradeço a Casa do Brasil de Lisboa, sobre tudo a Ana Rita Alho, minha grande amiga. Agradeço à Sonia Reis Pinto, pesquisadora e amiga de sempre e a

família da Pizzeria Mezzogiorno. E, claro o meu amigo e companheiro Alex Motta e o colega e amigo Otávio Raposo.

Por fim, gostaria de agradecer a Vende-se Filmes, Filipa Reis e João Miller Guerra pela oportunidade de participar do documentário “Fragmentos de Uma Observação Participativa”. Sem dúvida, essa experiência proporcionou-me refletir sobre o observar e ser observada e o fazer antropológico.

No Brasil, gostaria de agradecer em primeiro lugar, minha mãe, Katia Christofolletti: porque o que sou hoje, tem muito dela. Obrigada pelos sábios conselhos, amor e dedicação. Tento seguir os conselhos, tornados poesia por você: “Não deixe seus sonhos escaparem na caminhada. Sorrir é muito melhor que chorar, apesar do choro ser um aconchego para o corpo e para alma Seja fiel consigo mesma, coerente nas suas idéias”. Ainda choro muito (risos), mas acredito ser fiel e coerente com o que penso. Essa tese é resultado disso!

Agradeço toda a minha família, mas em especial: meu pai (*in memoriam*), minha prima irmã Flávia Togni do Lago, minha madrinha Tânia Christofolletti, meu padrinho Luiz César de Araujo e minha tia Vera Gomes Bastos. Ao meu primo que tornou possível o meu retorno em Portugal para defesa, Renam Christofolletti.

Às amigas de 21 anos! Aquelas que nem o tempo e a ausência nos fizeram perder a intimidade: Aline Maria Ko e Paula Drummond. Às amigas e amigo da graduação, participantes da *Gang da Primeira Fila*.

Aos amigos que, ainda que recentes, tenho a sensação de conhecer há séculos: minhas lindas surpresas em Campinas: Natália Corazza Padovani, Carolina Branco (*amiguinhas* que admiro muito como pessoas e antropólogas), o cineasta Rafael Salazar (produção) e o antropólogo e amigo José Mauricio Arruti.

À Lucia Taveira, minha analista, com quem tenho me descoberto, ainda que, aos poucos. Obrigada por ter aceitado o desafio de fazer uma análise em movimento, entre lá e cá.

